


Of WEAVERS Que Habito!

Washington Lopes



Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Colegiado de Artes Visuais
para obtenção de título de Bacharel em Pintura
pela Universidade Federal de Minas Gerais

Orientação: Christiana Quady

2018

O Graffiti na Parede, já
defende algum direito.

(Sabotage/RZO)

Agradecimentos

Para Maria Nilza minha mãe, que apesar de todas as dificuldades me possibilitou chegar até aqui, muito além do que muitos um dia imaginaram ou quiseram. A professora do ensino fundamental, que um dia disse que eu não seria ninguém acho que sou alguém hoje! Aos meus primeiros mestres que me possibilitaram conhecer a cultura e o elemento que me deu um lugar no mundo, Wemerson (WERA), Sandro (MELÃO) Edgar (ED-MUN). Harllen, por ter estado lá no início da chegada do Hip Hop em Belo Horizonte, por ter transmitido o conhecimento e a paixão pela rua e muros da cidade e mais ainda por ter sido o professor de muitos de nós. Aos amigos que sempre estiveram comigo nas ruas, na vida, por terem sido minha motivação nas várias vezes em que pensei em desistir. Leandro Hisne pela amizade, por ser uma referência e um “irmão que a rua me deu”. Aos meus ex-alunos que me deram motivos para acreditar que eu estava no caminho certo. Agradeço a minha parça Mima, por ter me motivado a entrar na Academia e me manter insistindo nela.

Aos meus poucos e bons amigos feitos dentro das paredes da Escola de Belas Artes, vocês me ajudaram a superar as várias frustrações e desapontamentos surgidos dentro dela.

Wagner, Diego, Laís, Mell e Erick, pretos no topo sempre!

Agradeço a quem me cobrou quem me criticou e a quem jogou contra mim, sem essas pessoas a balança nunca estaria equilibrada e talvez eu ainda estivesse na minha “zona de conforto”. Obrigado.

A todos os meus professores desde lá da creche até aqui onde se finda minha graduação, vocês sempre serão necessários à sociedade precisa de vocês para ser melhor. Continuem, insistam, vocês são necessários! Meu mais que obrigado ao Graffiti e ao Hip Hop que me trouxe identidade, expressividade, arte e possibilidades, que foi meu pilar sustentador entre a lata de spray ou a 380 na sala de casa, que me deu muito mais horizontes que a violência diária a qual estamos sujeitos dentro e fora das favelas.

Agradeço a mim mesmo por ter acreditado no meu potencial, por seguir fiel aos meus sonhos. Agradeço a todos que estiveram comigo no início, nesse durante e a quem vai estar comigo no final.

“...Vamos viver nossos sonhos, temos tão pouco tempo...”

(Charlie Brown Jr.)

Um breve relato do trajeto artístico entre a rua e academia

Desde a minha infância a rua foi uma grande galeria, a minha maior influência artística sempre esteve lá, e lá ainda se mantém. A rua sempre foi e será o lugar da arte, o lugar da expressão desregrada, a simples e potente ação do fazer e ocupar, o lugar de existir por aceitação ou imposição, existir, ver e se fazer ser visto, e nesse lugar me fiz um agente da existência por meio da arte.

Sempre fui seduzido pela rua, e por tudo que nela existia, sempre via os muros pixados, os muros com os graffitis que surgiam enquanto eu transitava na cidade, via os letreiros, placas, outdoors, a imposição visual a qual a cidade sempre esteve submetida, mas conseguia ir além do simples, do olhar vulgar que entende tudo como algo descartável. Passar por esses lugares era apreciar a beleza da existência e individualidade humana, o componente artístico que a cidade comporta, sem que seus habitantes se deem conta dessa profusão de cores e possibilidades que estão ao alcance de todos gratuitamente, nessa grande galeria onde os curadores são seus artistas “anônimos”, pessoas que precisam dizer que estiveram nesse mundo, que passaram por esses lugares, narrando o cotidiano ou gritando na parede os seus descontentamentos, as suas revoltas, as suas vontades.

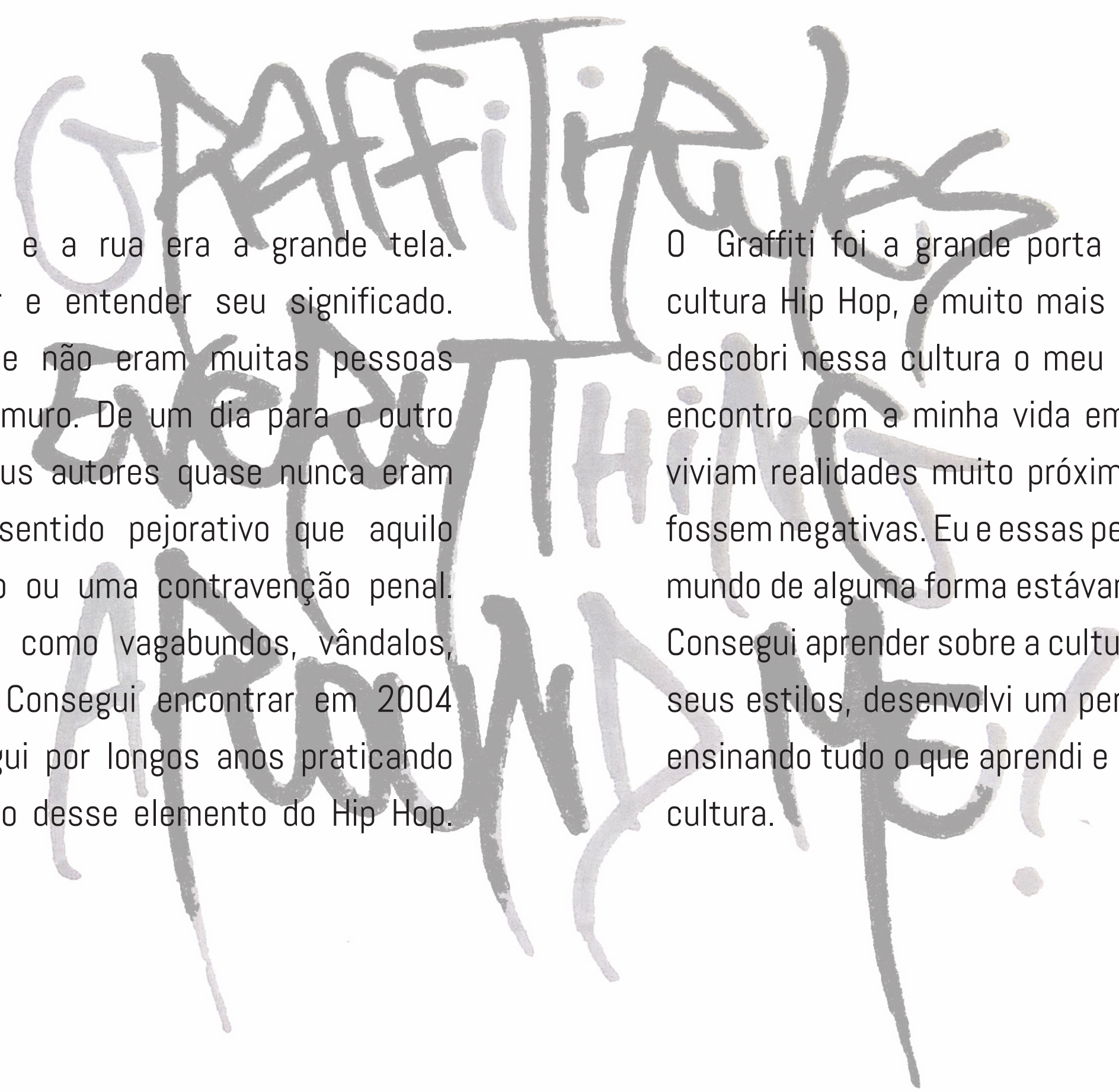
E nessa necessidade de não ser só mais um rosto sem cor na multidão, fui atrás de possibilidades de estar no mundo, criando formas, exprimindo partes soltas de um mundo particular que só existe em mim. O meu mundo precisava ganhar o mundo, e então durante a minha adolescência tive uma breve experiência com a pixação. Por algum tempo pixei alguns lugares no caminho entre minha casa e a escola, e também lugares que eu passava.

Esse foi o meu primeiro contato com algo possivelmente artístico: ali me vi existir para além de mim, meus amigos sabiam que eu havia estado naquele lugar, e outras pessoas conseguiam me encontrar naqueles lugares, eu enfim sentia a ideia de existir. A necessidade de estar no mundo ganhava forma.

Mas aquilo apenas não me bastava, eu queria mais, eu sabia e sentia que dentro de mim muitas outras partes precisavam ser materializadas, e fui procurando novas possibilidades de me expressar. Foi então que aos quinze anos, depois de muito ver a rua, depois de ver as várias existências que a rua comportava conheci o Graffiti, e dali em diante eu me encontrei no mundo, acabava de descobrir o meu lugar dentro da arte, o meu lugar de expressão, o lugar onde eu enfim, podia existir.

A RUA É O LUGAR DE SE TORNAR ETERNO, DE DEIXAR O RASTRO DA SUA EXISTÊNCIA





O Graffiti era o mundo das possibilidades e a rua era a grande tela. Busquei os lugares onde poderia aprender e entender seu significado. No início tive algumas dificuldades, já que não eram muitas pessoas que faziam e a divulgação e suporte era o muro. De um dia para o outro surgiam letras, personagens, cores, mas seus autores quase nunca eram vistos e quando ocorria ainda existia o sentido pejorativo que aquilo que havia sido feito era apenas vandalismo ou uma contravenção penal. Socialmente essas pessoas eram tratadas como vagabundos, vândalos, pessoas que não tinham muito que fazer. Consegui encontrar em 2004 uma oficina onde pude aprender mais e segui por longos anos praticando me dedicando a desenvolver um estilo dentro desse elemento do Hip Hop.

O Graffiti foi a grande porta de entrada para que eu pudesse conhecer a cultura Hip Hop, e muito mais que um lugar onde eu pudesse me expressar, descobri nessa cultura o meu lugar de ser humano, um lugar que estava de encontro com a minha vida em construção, onde eu conhecia pessoas que viviam realidades muito próximas a minha, quer fossem elas positivas quer fossem negativas. Eu e essas pessoas, bem como pessoas em outras partes do mundo de alguma forma estávamos todos conectados por meio dessa cultura. Consegui aprender sobre a cultura Hip Hop, aprendi sobre o Graffiti sua história, seus estilos, desenvolvi um percurso e nesse trajeto me tornei um professor ensinando tudo o que aprendi e de certo modo ajudando na continuidade desta cultura.



Sempre fui inquieto, sempre quis mais, por entender que não existem limites para o saber, e a arte é muito ampla. Passei a estudar *Design*, mas nunca me desprendi da rua, continuava meu trajeto e sempre em busca de conhecimentos que pudessem agregar na minha expressão, na minha existência, sempre focado em poder usar o conhecimento adquirido na rua, e foi com esse intuito que cheguei à academia. Pensava que nesse lugar encontraria novas possibilidades para que eu pudesse estar no mundo para além de mim, já que essa sempre foi minha maior questão a ser respondida. A academia no início era uma grande interrogação já que não tinha tido contato algum com esse novo lugar. Entrei com desconfiança sabendo que sempre foi um lugar para pessoas com realidades bem diferentes das minhas, e logo no início percebi uma grande lacuna entre eu e as demais pessoas, um grande distanciamento cultural, social e financeiro. Eu não me encaixava, eu não vivia o mundo acadêmico e assim é até hoje. A faculdade ainda é um lugar distante mesmo eu fazendo parte dela, mesmo eu estando dentro dela, sempre me senti fora dela e desse mundo que ela faz parte, sempre senti um limitador na arte acadêmica, muito possivelmente por ter conhecido a arte na rua, por ter me encontrado nela, mas segui aprendendo e me deixando a determinado ponto contaminar pela forma que o conhecimento me era passado. Aprendi muitas coisas e ignorei outras tantas. Mas continuei firme no meu propósito de aprender mesmo tendo por algumas vezes o pensamento de parar e largar a faculdade. Meu desejo de evoluir sempre foi grande e a faculdade era uma realidade nova que me desafiava me colocava contra a parede, mas ainda assim trazia uma série de questões que eu sabia que seriam importantes. Aprendi que o fazer artístico está atrelado ao executor e ao expectador, que ser artista é uma questão individual, mas que se manter sendo artista depende de questões incontrolláveis, diretamente ligadas à aceitação social, ao consumo do trabalho criado, e ao mercado que gira em torno das obras definindo quem se mantém e quem sai do circuito, criando assim um lugar de conflito com a rua já que nela o único limitador existente é a disponibilidade do artista, do executor, do ser que busca a arte como um caminho para se tornar por que não dizer “eterno”.

Por todo o meu percurso tive que me afirmar, tive que deixar claro que muito antes de pensar em ser “artista” eu já era graffiteiro, eu já tinha um trajeto anterior ao que a faculdade me propunha, estava dentro dela buscando conhecimento para poder levar para fora dela, para aplicar na rua e também repassar para outras pessoas, para os alunos com quem eu compartilhava o que aprendi. Na faculdade aprendi a ter argumentos, aprendi a falar sobre o meu trabalho e mais que isso entendi que para ser artista dentro de uma determinada situação é preciso compreender o trabalho que esta sendo apresentado. As interrogações precisam ter um mínimo de respostas para poder compartilhar com o outro, com o expectador do trabalho.

Entre vários lugares que habito, lugares que estão em choque e em conflito no meu percurso, sei que todos esses lugares fazem parte de um processo em constante movimento criando novas formas onde posso me expressar, sejam elas por vias do graffiti, desenho, pintura, ilustração e ou colagens, no fim tudo se mistura e cria novas camadas, sobreposições, texturas, novas imagens, são lugares por onde o meu existir transita, lugares esses onde as partes soltas do meu mundo interno se mesclam e criam novos mundos dentro de um mundo que não é só meu, mundo esse que é compartilhado com a individualidade do outro sendo ou não aceito por ele, esse meu mundo interno continua sendo colocado para fora, continua sendo materializado nas ruas, nas telas, nas folhas em branco e se ele será aceito ou imposto são questões as quais me fogem do controle, questões que não cabem a mim buscar responder.







“- Primeiro, não sou seu pai e só conheço a senhora sua mãe de vista.

Segundo, a vida de artista é uma vida de risco, incerteza e quase sempre de pobreza. Não a escolhemos, ao contrário, é ela quem escolhe você.

Se tem alguma dúvida a respeito de qualquer um desses pontos, é melhor que saia por essa porta agora mesmo.

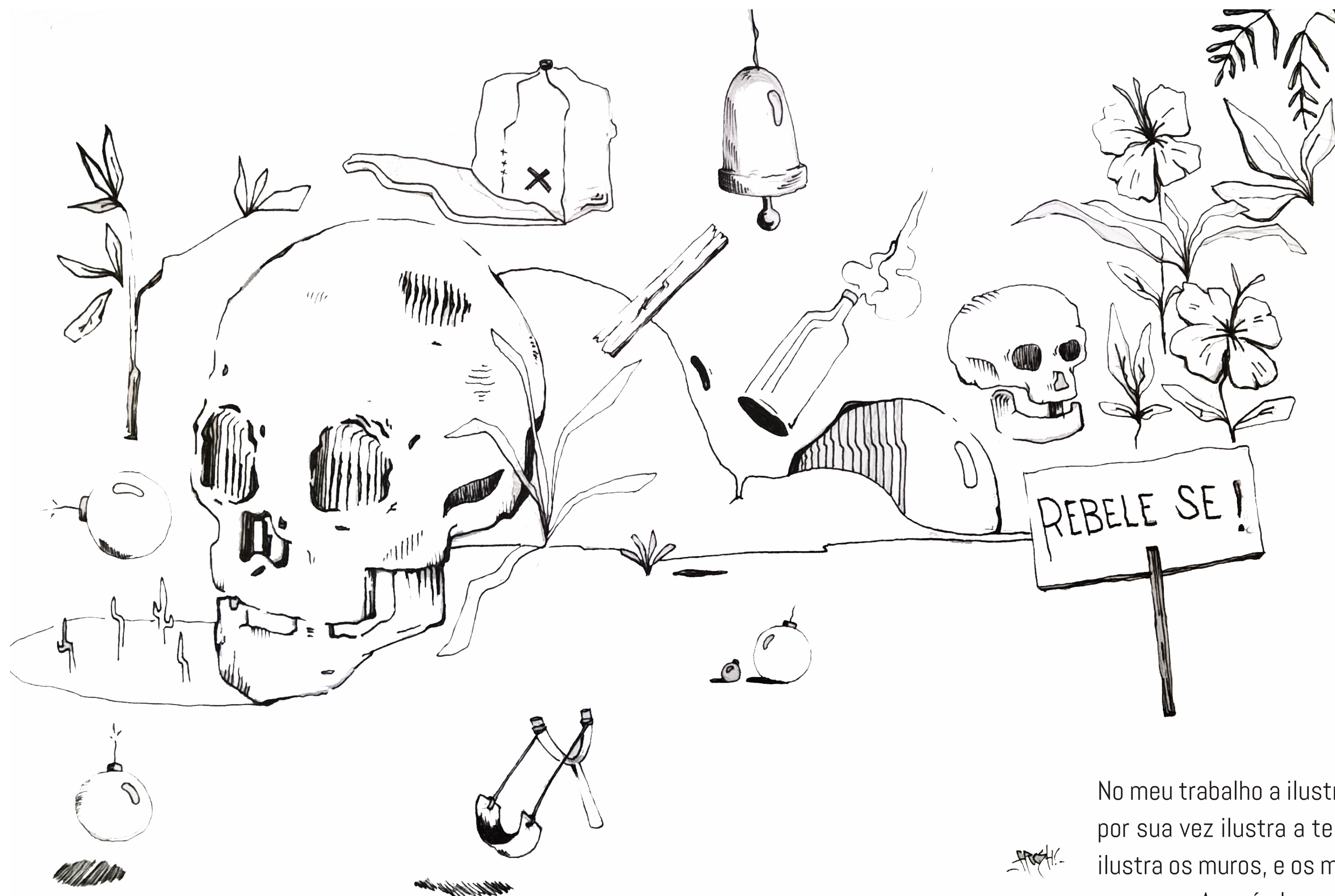
Germán ficou“.”





Linguagens de atuação

COMO CRIAR DISTÂNCIAS
ENTRE O QUE ME NORTEIA?
NÃO CRIO LIMITES ENTRE
UMA LINGUAGEM E OUTRA.
TODAS SE COMPLETAM
NUMA MESMA IMAGEM.



No meu trabalho a ilustração é a base para a pintura, que por sua vez ilustra a tela, a tela ilustra o olhar, a pintura ilustra os muros, e os muros estão em constante diálogo com a rua. A rua é o lugar que me permite ter voz num mundo cada vez mais disposto a impor o silêncio, um lugar onde eu sou o autor, o crítico e espectador de uma obra que nunca se finda. Dentro do meu imaginário tudo é uma mesma mescla de camadas, fundos chapados, personagens que flutuam na ausência de texturas, massas de cor, matéria.

A mesma matéria que traz a tona minhas inquietações, recortes de corpos, fragmentos da memória, fatos cotidianos, notícias de tempos atrás, perguntas sem respostas, reflexões, objetos cotidianos, recortes da natureza, frustrações passadas, desejos futuros, e um eterno diálogo entre o meu eu e minhas incertezas. Meu trabalho é uma janela para o caos que me movimenta, é a soma de tudo o que sou e a subtração de tudo o que quero expor, e sempre há o que dizer, cada fragmento colocado diz algo por si só, e junto ao próximo diz algo maior, e dentro de um completo narra o todo que quero dizer sem ter que verbalizar nada, meu trabalho é como uma caça ao tesouro e esse tesouro não fui eu quem enterrou, cabe ao espectador buscar esse baú enterrado nas entre linhas entre as cores, texturas, massas, planos, volumes, fragmentos soltos, presenças e ausências.



Unir desenho, graffiti e pintura, rua e academia, têm sido um desafio imenso, uma vez que a rua é um lugar livre, quando não, é um lugar que permite criar sem reservas. Já a academia por sua vez, vem com um pacote de regras, um maço de vaidades uma imensa dose de ego inflado, litros de incertezas que escoam pelas mãos, a academia diz de liberdade, mas nunca haverá liberdade num meio que cultua a regra. Regra que é necessária, mas que não deve ser um limite rígido na produção artística, regras devem ser quebradas e na arte essa é mais que uma obrigação, é uma forma de o artista falar de si, e legitimar o seu trabalho e dizer aos regradores que não age por rebeldia, mas sim por uma enorme sede de habitar e se manter vivo no mundo, mesmo depois de sua partida.





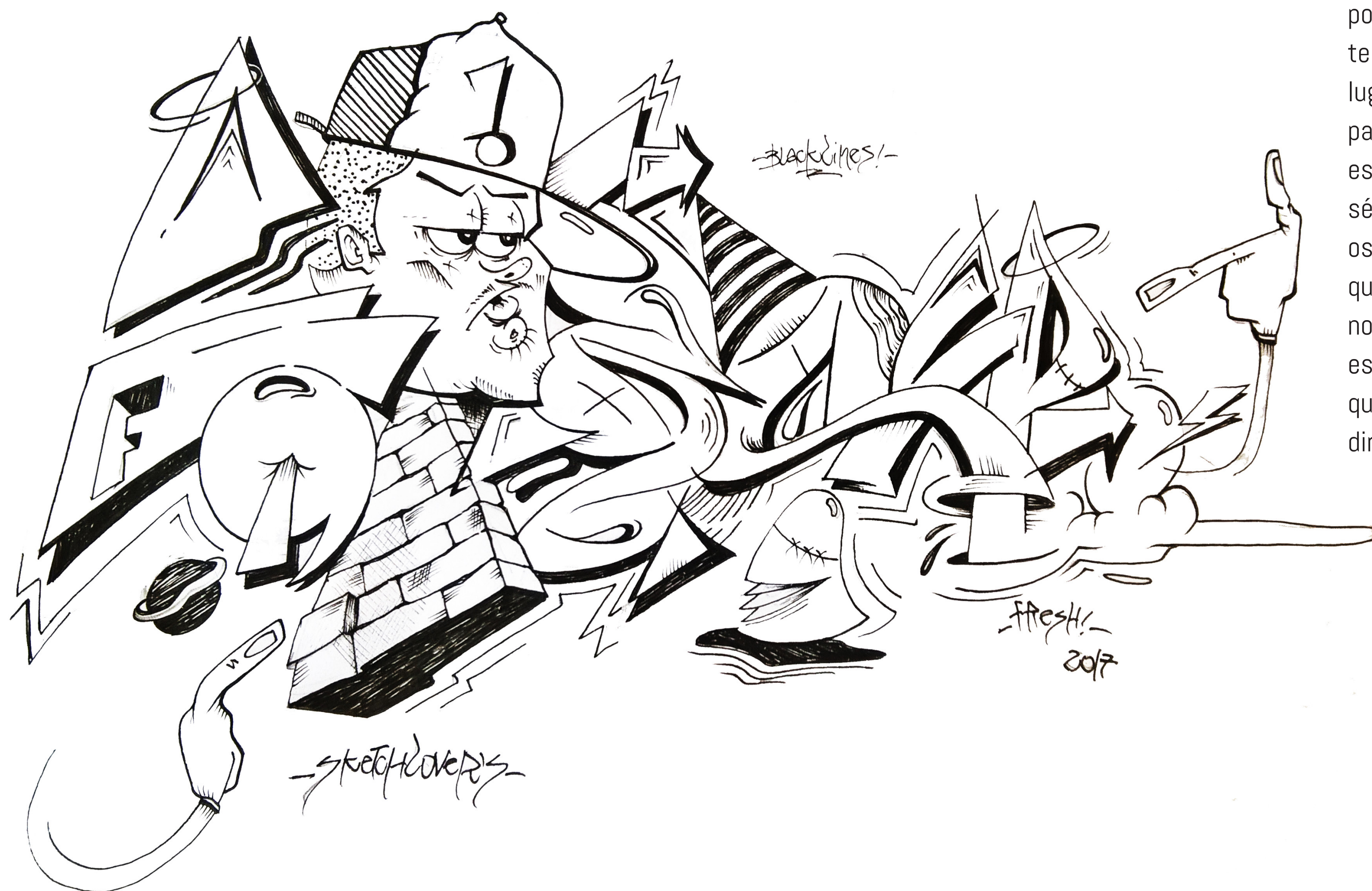
A formação acadêmica a serviço do mercado

A academia vem trabalhando para criar produtos de arte e não para formar e incentivar produtores artísticos. Ela joga com o mercado, o mesmo mercado que seleciona alguns em detrimento das cifras. Para o mercado ser bom não tem haver com a produção de bons trabalhos, mas sim com a produção de mais objetos de valor. Nesse caso ser artista se resume em ser um bibelô de galeria, uma sombra dos críticos, curadores, compradores e investidores. Para estar no mercado o artista é em parte obrigado a se submeter às vaidades de um ou outro comprador do seu trabalho, perdendo de certo modo a possibilidade de criar e colocar suas questões em sua produção. Galerias e museus fazem um filtro cruel para dar a alguns poucos o título de nobreza de artista do circuito, artista bem sucedido, mas para ser bem sucedido esse mesmo artista teve de colocar-se a mercê das exigências alheias afirmando com isso essa relação de produto e consumidor. É claro que viver do que se gosta é o desejo de todos, mas tornar-me um produto de consumo para uma pequena parcela da sociedade é algo que não me atrai, por isso continuo me afirmando como escritor de rua, já que foi dela que vim e é para ela que me dedico dia após dia.

Ser um escritor de Graffiti, (*writer*) é algo muito maior do que se pode pensar, carregar a ideia de que estar na rua não é só uma questão do fazer artístico, não é uma questão da arte de rua, nem somente do vandalismo descomprometido. É estar disposto a perpetuar uma cultura que desde o seu início traz a ideia de valorização do sujeito marginal, uma cultura que dá voz aos que foram silenciados em vários aspectos, uma cultura que fez sujeitos sem horizontes terem possibilidades de mirar um futuro, onde pudessem substituir a violência a que estavam acondicionados por expressões de valorização do seu povo, da sua comunidade, da sua raça, da sua existência singular. O Graffiti assim como o Dj, Break, Mc está inserido em uma cultura grandiosa, e essa cultura esta muito além do que se pode querer nomear em territórios artísticos, ela sempre ira evoluir seja aceita ou não, seja ela apropriada pelo mercado capitalista, seja ela em determinado ponto tirada do seu lugar "original".

A cultura Hip Hop sempre estará em sua essência no lugar marginal, lugar que a arte culta não chega, onde as políticas sociais são frágeis, onde trabalhar o termo "nós por nós" é necessário, ser escritor de Graffiti, é ser uma ferramenta na perpetuação da cultura e na disseminação da auto valoração do que é ser uma pessoa a margem, buscando o acesso a lugares que até então estavam longe demais da realidade ao qual essa cultura se iniciou se difundiu e se enraizou.





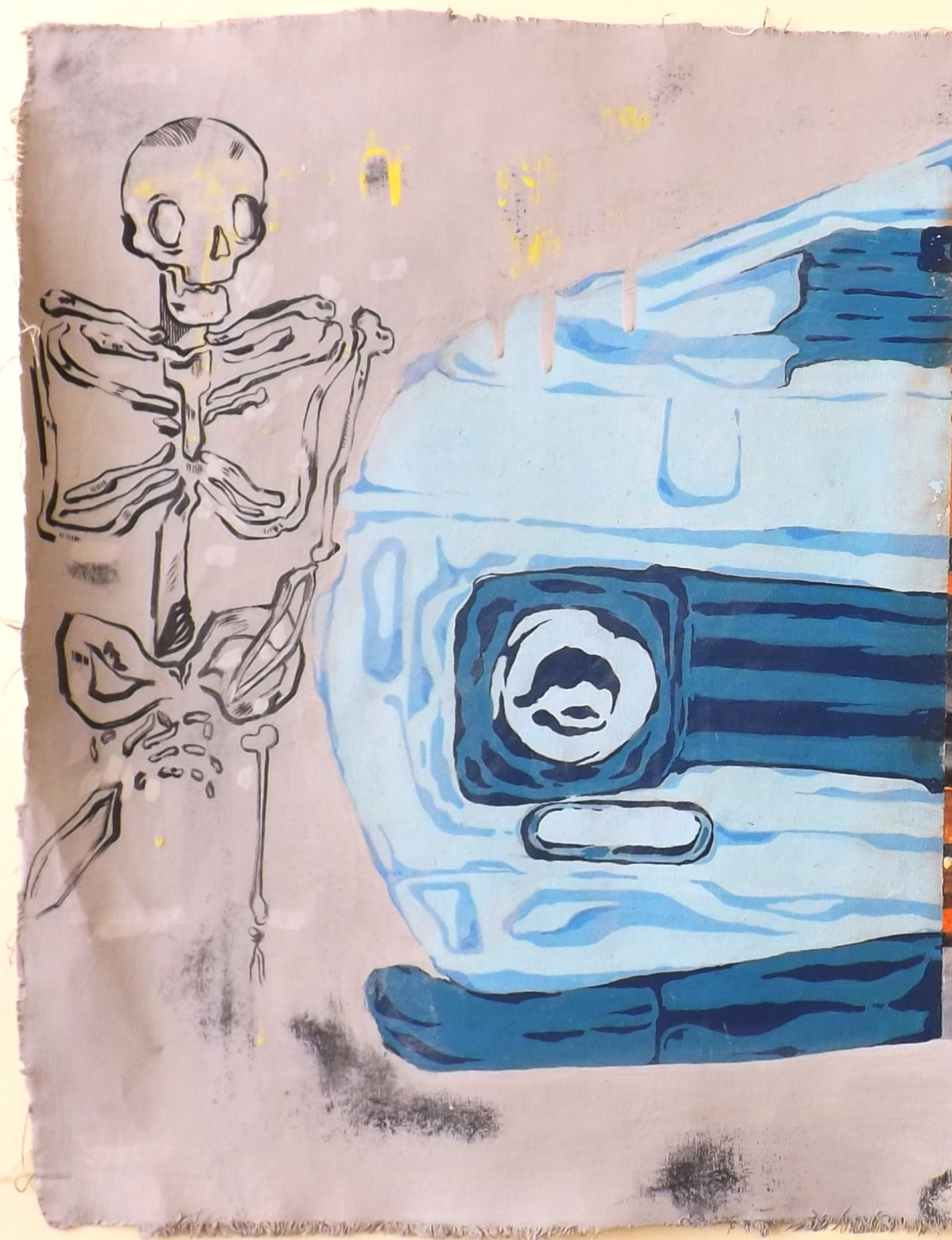
Meu trabalho, minha evolução como escritor de rua e artista é uma busca de continuar dizendo sobre o meu lugar de origem, das pessoas que assim como eu foram jogadas para as margens da sociedade, não poderia eu tornar-me um artista de respeito, estar inserido em um contexto social “melhor”, e virar as costas para os meus, fingindo esquecer o meu lugar como agente artístico e cultural, fantasiando um mundo de benesses ao qual nunca fiz parte. Ainda que eu conquiste o espaço com mais “Likes”, não poderia me esquecer de que se estou numa academia tenho também uma obrigação de retornar ao meu lugar inicial com o conhecimento e passa-lo adiante, para que mais pessoas possam se ver no direito de estar dentro desses espaços de poder que durante séculos deixaram pessoas como eu de fora, para que os sujeitos marginais estejam presentes mostrando que eles têm muito a dizer, seja na rua, na galeria, no cinema, na moda, no teatro e em todas as artes e espaços sociais aos quais foram jogados para fora, e que ainda precisam a grandes custas reivindicar seu direito ao acesso que deveria ser amplo e irrestrito.

Percurso em pintura



Iniciei o meu trajeto acadêmico buscando uma forma de conciliar as várias linguagens com as quais eu já havia me envolvido anteriormente, e que ainda estavam presentes na minha produção. Passei por desenho e arte gráfica durante dois períodos, onde busquei entender sobre o que seria de fato a minha habilitação e as possibilidades que ela me asseguraria. Por fim, depois de ter experimentado essas matérias, resolvi que precisava estar mais próximo do que eu havia exercido fora da faculdade. Cheguei à conclusão que eu teria melhor resultado fazendo pintura e fui experimentar os ateliês. Iniciei o ateliê com o desejo de trabalhar a pintura com o que já desenvolvia em ilustração, numa busca de conciliar essas duas linguagens. Durante os dois primeiros ateliês tive de certo modo um bom resultado, mas não me limitei ao que eu trazia para o ateliê. Cumpri com as proposições vindas dos professores e passei a buscar novas formas de trabalhar e criar pintura. Fiz alguns testes em formato abstrato, tentei fazer trabalhos com figura humana, tentei testar o máximo de possibilidades que tinham haver com o meu trabalho em pintura e também que pudessem ser aplicadas no meu trabalho externo a faculdade. Passei a buscar no meu trabalho as questões que me moviam enquanto criador de imagens e nesse período a ilustração foi o maior condutor das pinturas que criei. Trabalhava com as questões que estavam em evidência naquele momento, a política, a violência policial, copa do mundo, temas pertinentes e que se mantinham em discussão ao meu redor. Algumas telas receberam fragmentos desses temas, outras se mantiveram alheias a eles.





Já no ateliê três, eu fui confrontado a pensar a pintura enquanto pintura. Deixar a ilustração de lado foi um primeiro passo, tentar mudar a forma de usar o pincel já que ainda existia muito pensamento do desenho, pois a linha ainda era a grande questão entorno da minha produção. Nesse período tive muitos problemas e conflitos com a forma que esse confronto surgia, já que não houve muito envolvimento ou interesse em entender o meu trabalho e minhas questões por parte da professora. Havia um distanciamento de linguagens entre aluno e professor, e em determinados momentos ficava nas entrelinhas a ideia de que o Graffiti e a ilustração, temas trabalhados por mim levantam questões menores no contexto do ensinamento acadêmico ao qual eu estava sendo condicionado, o que gerava uma grande desmotivação no meu interesse em estar fazendo o ateliê. Contudo continuei e passei a não ficar tão ligado aos apontamentos que me chegavam. Decidi mergulhar mais fundo no meu trabalho, na forma com a qual poderia executá-lo e nas novas questões que me vinham como fruto também desse conflito que se deu nesse período.

A linha de raciocínio já era outra, a intenção de criar pintura e a forma que essa pintura se daria também havia mudado. As telas que eu estava pintando estavam amadurecendo, seu conteúdo pictórico e meu repertório estavam evoluindo, em parte por causa dos conflitos, e em parte maior por minha vontade de mostrar que todo o trabalho que eu poderia desenvolver teria esse lugar de encontro das linguagens que faziam parte do meu repertório como graffiteiro, pintor e ilustrador. Eu precisava deixar claro que o meu trabalho na rua poderia ser sim colocado em uma tela e que esse trabalho ia de encontro com a minha pintura em processo no ateliê. O trabalho da rua não era de forma alguma menor que o trabalho acadêmico. Apenas a sua intenção o local onde seria feito e exibido é que divergia do espaço do ateliê. As questões sempre eram as mesmas, mudava-se o suporte, mas não o intuito da criação.





Conforme os ateliês iam passando, os meus conflitos internos e externos já não exerciam mais tanta pressão no que eu produzia. Passei a ignorar tudo o que não estava de encontro com que eu estava me propondo internamente, e eu também já não estava tão comprometido em produzir para uma demanda vinda do ateliê. Eu enfim estava certo do que queria com o meu trabalho, ainda que houvessem os choques entre eu e professores, a produção caminhava dentro dos meus anseios no que diz respeito a adquirir conhecimento para aplicar fora da academia. Desde o princípio o desejo de estar na rua falava mais alto, e esse entendimento do meu lugar como agente artístico me permitia compreender que esse tempo de aprendizado não era um definidor do meu trabalho. Assimilei com muito mais propriedade o meu lugar de vivenciar a arte, e conclui que a pintura em tela é uma possibilidade agregada a minha produção, não sendo ela e seus “Ismos” o lugar onde estarei limitado no campo da pintura. Tela e chassi são agora mais um espaço onde me encontro confortável para produzir imagens, para existir além de mim e nesse lugar também poderei ser encontrado seguindo a ideia de deixar o meu rastro de existência para muito além da minha existência física e temporal.



REBELE SE


REBELE SE

A60
BA

A ETERNIDADE
É AGORA!

Eu acho que aquele homem que interferiu-se no lar do Capitão para destruí-lo não presta.

28. DE MAIO ...A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.



riam retirá-lo de lá, porque se o Negroo negasse havia de espancá-lo. Eu fui retirá-lo de lá porque ele me obedece. Resolveu sair. Quando eu fui deitá-lo, ele disse:



HISTÓRIA
SEM FIM















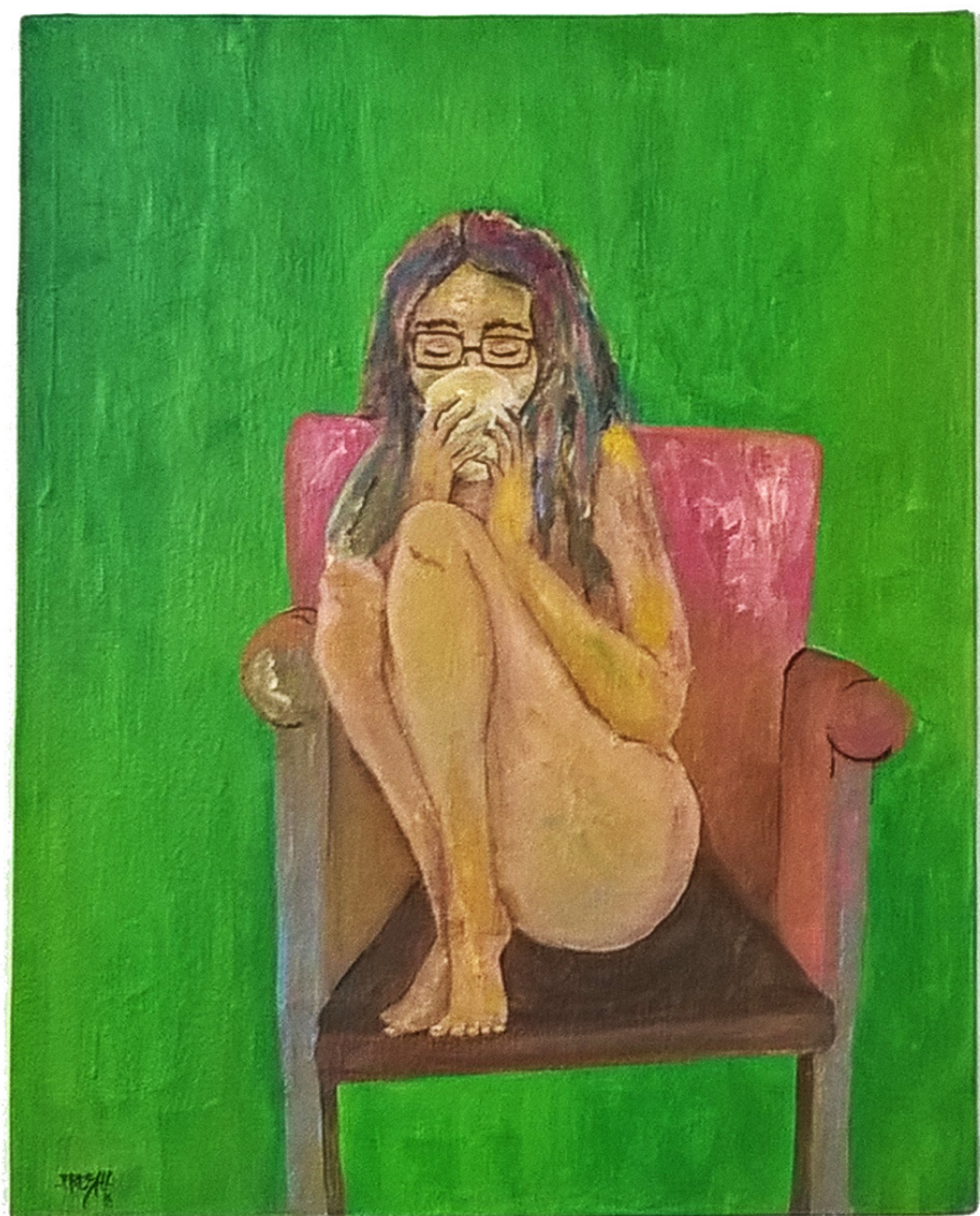
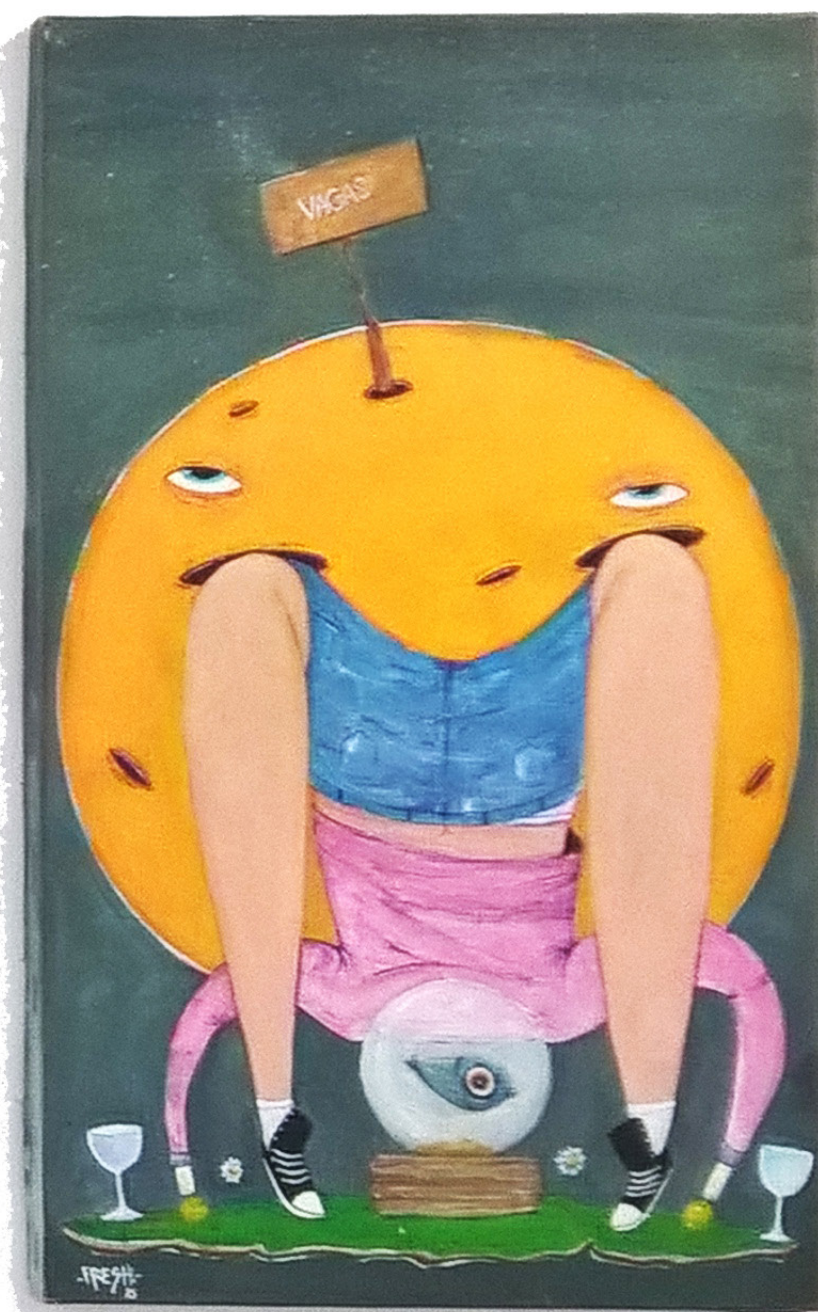






REBELLE SE



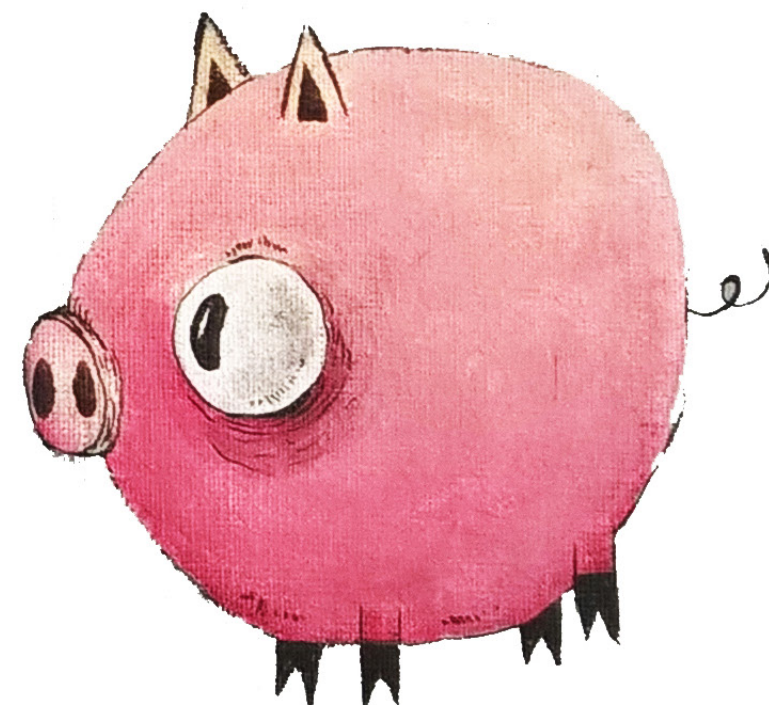
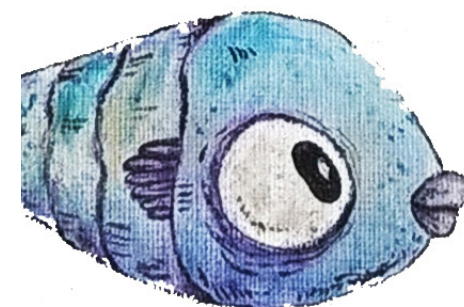
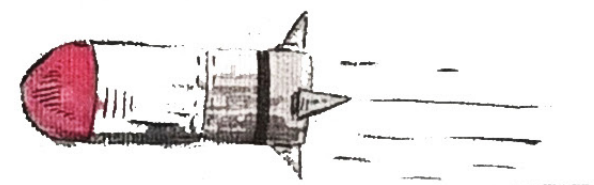
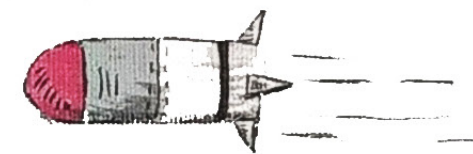
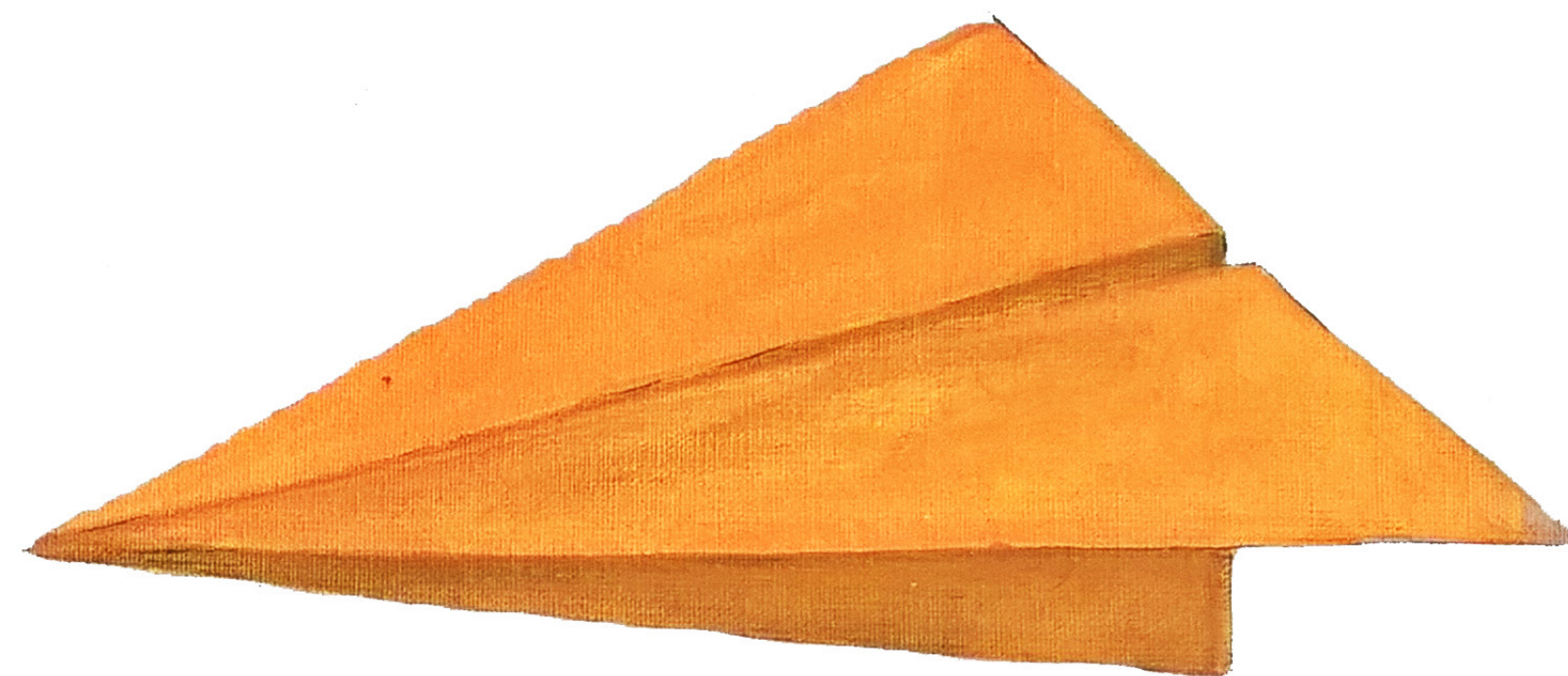




-BLACK LINES-

-NIZINHAS-

-FRE-







Referências

Página 19

Carlos Ruiz Zafon , MARINA. Suma de Letras,
1999, Cap, 8. p. 40.

Página 46/47

Carolina Maria de Jesus, "Quarto de despejo".
São Paulo: Francisco Alves, 1960, p. 160.

Diagramação | Edição de Imagem
Laís Ferreira